

RE VI SEA

**Mulheres raizeiras do cerrado:
saberes tradicionais**

**Raizeira (healer) women of cerrado:
traditional knowledge**

**Las mujeres raiceras del cerrado:
conocimientos tradicionales**

**Lidia MEJIA¹
Vera Margarida Lessa CATALÃO²**

Submetido em: 22/12/2023

Aceito em: 19/03/2024

Publicado em: 17/11/2024



¹Universidade de Brasília- UnB.

²Universidade de Brasília- UnB.

Resumo

As mulheres raizeiras do Cerrado reúnem uma diversidade de saberes cujos processos de aprendizagem acontecem oralmente no cotidiano das suas comunidades. Nosso objetivo foi investigar e refletir sobre o processo de transmissão dos saberes de cura e cuidado com a vida, a partir da escuta sensível das narrativas de duas mestras raizeiras. Buscamos compreender a importância dos vínculos afetivos nas suas práticas pedagógicas, tecidas na partilha de saberes tradicionais sobre plantas medicinais. As narrativas dessas mestras evidenciam que a ancestralidade e os laços afetivos com seus territórios contribuem para manter vivos os saberes originários, bem como para a preservação do Cerrado. Foi possível constatar, portanto, conexões pedagógicas entre a transmissão de saberes tradicionais e as práticas de educação ambiental em espaços não escolares.

Palavras-chaves: Educação ambiental. Raizeiras do Cerrado. Saberes Tradicionais.

Abstract

The raizeira (healer) women of Cerrado gather a diversity of knowledge through learning processes which take place orally in the daily life of their communities. Our aim was to investigate and reflect on the processes of transfer of healing knowledge and care for life, through sensitive listening to the narratives of the raizeira masters. We aimed at understanding the importance of the emotional bond in their teaching practices, which are woven through the share of traditional knowledge about medicinal plants. The narratives of these masters emphasize that both inheritance and emotional bond with their territories contribute to maintaining their native wisdom alive as well as preserving the Cerrado. It was therefore possible to establish teaching connections between the transfer of traditional knowledge and environmental education practices outside the school environment.

Keywords: Traditional Knowledge. Raizeiras (healers) of Cerrado. Environmental Education.

Resumen

Las mujeres raiceras del Cerrado reúnen diversos conocimientos, cuyos procesos de aprendizaje acontecen oralmente en el cotidiano de sus comunidades. Nuestro objetivo fue investigar y reflexionar sobre los procesos de transmisión de los conocimientos, la sanación y el cuidado de la vida, a partir del sensible testimonio de las narrativas de dos maestras raiceras. Buscamos comprender la importancia de los vínculos afectivos en sus prácticas pedagógicas, entrelazadas en el intercambio de sus conocimientos tradicionales sobre las plantas medicinales. Las narrativas de esas maestras muestran la ascendencia y los vínculos afectivos con sus territorios, contribuyendo a mantener vivos los conocimientos originales, así como a la preservación del Cerrado. Fue posible constatar las conexiones pedagógicas entre la transmisión de conocimientos tradicionales y las prácticas de educación ambiental en los medios no escolares.

Palabras Clave: Conocimientos Tradicionales. Raíces del Cerrado. Educación Ambiental

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país rico em saberes ancestrais, populares e tradicionais. Essas experiências de vida constituem uma diversidade cultural única, de onde emerge uma complexa rede de conhecimentos que formam os saberes tradicionais e populares brasileiros. Cabe lembrar, no entanto, a existência de um largo espectro de modelos educacionais estruturados em visões

hierárquicas e assimétricas que orientaram a educação formal desde os tempos do Brasil colônia.

A educação brasileira, ao longo de nossa história social, legitimou narrativas hegemônicas em que as elites brancas, masculinas e heteronormativas foram naturalizadas como universais, definindo visões de mundo e práticas educativas legitimadas por escolas formais, deixando à margem a educação popular que, ao longo da sua história, constituiu-se para além dos muros escolares. Tal discriminação gerou lacunas no campo da investigação acadêmica e cisão entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais.

Os saberes tradicionais, apesar de não estarem inseridos como uma categoria do conhecimento científico na educação escolar, permeiam o cotidiano da sociedade brasileira, fruto de conhecimentos desenvolvidos nas experiências de vida das populações tradicionais. Nesse sentido, direciona para a diversidade de saberes comumente tipificados como sabedoria popular, cuja construção e transmissão de conhecimentos estão calcadas em suas práticas, em seus fazeres da vida cotidiana. Na perspectiva antropológica de Brandão, a educação é uma expressão da cultura e “qualquer estrutura intencional e agenciada de educação constitui uma entre outras modalidades de articulação de processos de realização de uma cultura (BRANDÃO, 2007, p. 17)

No Brasil, os saberes tradicionais brasileiros estão presentes em ritmos e intensidades distintos por todo o território a partir do uso das plantas tradicionais que compõem o universo da medicina originária advinda das culturas indígena e africana. No entanto, desde o Império, sob o paradigma da modernidade aliado à necessidade de expansão do capitalismo, buscou-se limitar a rede de saberes que se

replicava pela transmissão oral entre indivíduos e comunidades em complexas interações com o sagrado, a natureza, os territórios e o cosmo. O pluriverso subjetivo dos modos de vida e de saberes das populações tradicionais revelam práticas sustentáveis com o uso dos bens da natureza que coabitam seus territórios. Os vínculos com a natureza e com o sagrado evidenciam modos de vida fundamentais para a preservação desses biomas e da diversidade cultural brasileira. Mestras e mestres de saberes tradicionais são protagonistas da perpetuação dos saberes tradicionais, que fazem parte de um “patrimônio de tradições” (CASCUDO, 1972, p. 11).

Por esse entendimento, os saberes e fazeres das comunidades tradicionais são patrimônios, ao mesmo tempo, ancestrais e contemporâneos. As trajetórias históricas de mestres e mestras revelam tensões e estratégias criativas na transmissão oral, dentro e fora das suas comunidades, na busca de reconhecimento e salvaguarda dos seus modos de vida, resistindo à degradação dos seus territórios, imposta pelo processo de dominação da colonialidade³.

Neste texto, abordaremos as comunidades tradicionais do Cerrado definidas como grupos culturalmente diferenciados que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e utilizam territórios e bens naturais como prática para sua sobrevivência cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos e inovações.

A pesquisa de campo dedicou-se à escuta, ao registro e à análise reflexiva sobre um grupo específico do bioma Cerrado

³ Colonialidade se refere a um padrão de poder que surgiu como resultado do colonialismo moderno. Colonialismo denota uma relação política e econômica em que a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, que constitui tal nação em um império (Quijano, 2000).

constituído por mulheres raizeiras que, em suas comunidades, construíram seus saberes tradicionais pela transmissão oral de seus ancestrais. Essas mulheres desenvolveram um amplo e profundo conhecimento sobre o Cerrado, com o foco nas plantas com propriedades terapêuticas e medicinais, em consonância com o ciclo das águas, que anima a vida de toda sua sociobiodiversidade cultural. Nesse caminho epistemológico, traçamos como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre a ecologia dos saberes, (SANTOS, 2010, 2019), topofilia (TUAN, 1980), corpo-território (HAESBAERT, 2021; MIRANDA, 2020); pedagogias decoloniais, práticas insurgentes⁴ (WALSH, 2017), a qual nos faz compreender que a educação é um corpo-território de interculturalidade crítica⁵, que produz narrativas interculturais com potencialidade decolonial⁴.

Nossa investigação tem como ponto de partida a escuta das narrativas de duas mulheres raizeiras do Cerrado sobre suas trajetórias formativas ancoradas nos territórios onde habitam e no compartilhamento de seus saberes. Realizamos encontros e diversas conversações com duas raizeiras: Dona Josefa Ataíde, que reside no Distrito Federal e pertence à Escola de Almas Benzedeadas de

⁴ Prácticas insurgentes que, “desde tiempos memoriales, han manifestado en su pensar-hacer estrategias pedagógicas que se esfuerzan por transgredir y subvertir la colonialidad política, ontológica, epistémica, espiritual, existencial”. WALSH, 2017: 32).

⁵ A interculturalidade crítica é assumida [...] como un pensamiento “otro” que se afirma en América Latina como proyecto alternativo de carácter ético, ontológico, epistémico y político (Walsh, 2017, p 97).

⁴ Oliveira e Lucini (2021) consideram que o pensamento decolonial e a decolonialidade apresentam-se como luta e resistência contra os padrões de poder Modernidade/Colonialidade, sendo que sua teorização se dá a partir da “construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistêmicas”.

Brasília; e com Lucely Moraes Pio Raizeira, geoterapeuta do quilombo do Cedro, Mineiros, Goiás. Esses encontros ocorreram presencialmente em uma roda de conversa sobre plantas medicinais do Cerrado, com observação dos participantes nos seus atendimentos e nas oficinas vivenciais. As conversas nos possibilitaram percorrer a trajetória formativa dessas duas mulheres raizeiras do Cerrado, educadora popular e mestra do saber tradicional, bem como seus processos de lutas sociais, imprimindo a interculturalidade em suas narrativas com forte potencialidade decolonial⁶, configurando uma relação dialógica da ancestralidade quilombola, saberes das comunidades tradicionais e formas atuais de constituição de seus ofícios e práticas de suas pedagogias.

2. CULTURA, COMUNIDADES E MESTRES DA TRADIÇÃO

As transformações da sociedade contemporânea repercutiram na noção de cultura popular tanto do ponto de vista teórico quanto das experiências de inclusão dos agentes envolvidos com essas práticas (ABIB, 2015, p. 102). A perspectiva da experiência nos estudos sobre cultura popular busca compreender as experiências de sujeitos e grupos populares, redefinindo relações estabelecidas no campo da cultura, valendo-se de um protagonismo social e político de indivíduos e grupos que sofreram subjugação, diáspora, deslocamentos, silenciamentos, epistemicídios.

O protagonismo social e político, nos dias de hoje, se manifesta na organização de comunidades tradicionais, grupos e associações de cunho popular em torno da reivindicação de seus direitos e reconhecimento de seus saberes e práticas. Nesse sentido, Abib

(2015) considera a noção de cultura popular na contemporaneidade como um terreno de luta [...] em que “memórias, as tradições e identidades de determinados grupos sociais são requisitadas demarcam posições e, reconhecimento, autonomia, em razão das várias disputas, diante da cultura hegemônica” (ABIB, 2015, p. 110). Como estratégia de insubordinação e sobrevivência social, povos e comunidades remetem-se à sua ancestralidade, à língua materna, às tradições, às memórias, aos mitos, às celebrações, às danças, aos cantos, ritos “e sobretudo ao seu imaginário como forma de resistência a processos de dominação política, econômica e ideológica, constituindo, dessa forma, estratégias de insubordinação e sobrevivência social” (ABIB, 2019, p. 2).

Os saberes tradicionais perpetuados em suas trajetórias históricas entre gerações são assegurados por suas ancestralidades e constituem elementos significativos para a formação das identidades individuais e coletivas das comunidades. “É a ancestralidade que permite a força para que a história em sua mutação se instale. Quer dizer, a ancestralidade como sentido de continuidade entre aos conhecimentos produzidos entre as gerações, como a continuidade de um grupo” (SODRÉ, 1997 *apud* SOUZA, 2016, p. 3).

Silva, Florêncio e Pederiva (2019) destacam o processo de transmissão de saberes pela oralidade em grupos, povos e comunidades tradicionais, que têm na ancestralidade o seu principal fator educativo e reafirmam a importância na formação das identidades dos povos e comunidades, que se reconhecem como detentoras de uma tradição. Dessa forma, a transmissão de saberes estaria associada à experiência dos mais velhos que, sendo os detentores do conhecimento, repassariam aos mais novos.

A transmissão da cultura tradicional de um povo implica uma interpretação do passado a partir de uma perspectiva de afirmação e valorização em contínuo processo de criação do presente, resultando na identificação e no reconhecimento das suas trajetórias históricas e na necessidade de transmissão de saberes e fazeres da tradição. Souza (2016) corrobora com essa perspectiva e afirma que a reelaboração e a ressignificação das formas culturais do passado fazem parte da realidade atual. Portanto, a categoria tradição envolve um movimento contínuo que implica a conservação, a eliminação e a renovação. Assim, as mestras e os mestres da cultura tradicional, ao transmitirem saberes-ofícios da tradição, assumem uma postura crítica frente às opressões vividas em seu cotidiano, que impedem a transmissão e a sobrevivência de seus saberes tradicionais, cuja expressão se manifesta nos seus modos de ser, estar e conceber mundos e o cosmo.

Esses mecanismos de opressão se configuram no colonialismo histórico que desenhou uma linha abissal de exclusão social em busca de esvaziar saberes e práticas culturais tradicionais do sul global. Santos (2019) traz o conceito de linhas abissais e nos faz refletir sobre as linhas as fronteiras de exclusão produzidas pelo conhecimento moderno que são sustentadas pela cultura ocidental. A linha abissal se expressa na legitimação de instituições acadêmicas e escolares para construir um conhecimento verticalizado eurocêntrico que produziu distanciamentos e silenciamentos dos saberes tradicionais e os das suas ancestralidades.

Partindo dessa perspectiva, as experiências de vida que habitam nossas memórias e inscrevem saberes em nosso corpo ancoram processos de resistência, ou seja, em nosso corpo e memória

inscrevem-se histórias e saberes nossos enquanto sujeitos individuais e coletivos, que nos remete aos lugares e territórios onde os saberes de nossa existência foram constituídos. De acordo com Souza (2016, p 15), a tradição, para os povos de matriz africana, é entendida não como uma fixação do passado ou a elementos anacrônicos, mas sim como lugar no qual se ritualiza a origem e o destino, ou seja, a tradição como ritualização da origem de todos, ressaltando que nem todos ritualizam origens e destino. Nessa concepção, a tradição como um aspecto vivo da cultura não se prende de forma fixa ao passado, ela se reinventa sem perder suas raízes, no movimento da história na construção do presente e do futuro.

3. SABERES TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A relação ser humano e ambiente tem sido drasticamente alterada no decorrer da história da humanidade até chegarmos aos dias atuais, cujos impactos das mudanças climáticas trazem um universo de crises e incertezas. Ao longo dessa história, emergiram objetivos para a Educação Ambiental, a partir da Carta de Belgrado (UNESCO, 1975), em consonância com as mudanças da sociedade. Aqui abordaremos alguns conceitos que corroboram para a integração das práticas da educação ambiental das comunidades tradicionais.

Para Leff (2001), a Educação Ambiental, por princípio, é uma vertente pedagógica que promove os valores ambientais de uma cultura, sociedade ou população e que deve conduzir para uma visão ecológica, de relacionamento múltiplo e complexo com a natureza, gerando um pensamento crítico e criativo fundamentado em novas relações entre a sociedade e o ambiente. Por esse entendimento, a

Educação Ambiental envolve o respeito à diversidade das riquezas culturais e dos saberes das comunidades tradicionais, a partir de ações individuais e coletivas que buscam preservar modos de vida ecologicamente mais sustentáveis. Pelo prisma da transdisciplinaridade e do pensamento complexo, o autor afirma que o saber ambiental não é exclusivo da biologia e da ecologia, não diz respeito apenas ao saber sobre o ambiente e suas externalidades, “mas da construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas, que formam significações culturais diversas na perspectiva de uma complexidade emergente e de um futuro sustentável” (LEFF, 2009, p. 21).

As narrativas das mulheres raizeiras do Cerrado revelam que seus saberes ambientais, constituídos em suas comunidades, corroboram para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental. A transmissão desses saberes revela o caráter ecopedagógico presente em seus cotidianos. Para Moacir Gadotti, a ecopedagogia visa promover a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Propõe-se uma educação sustentável voltada para a preservação da existência humana e do planeta. O autor conceitua ecopedagogia como “uma pedagogia preocupada com a promoção da vida, cujos conteúdos relacionados, “as vivências, as atitudes e os valores, adquirem expressiva relevância” (GADOTTI, 2001, p.94).

Leonardo Boff (2005) recorre ao cuidado como categoria matriz para enfrentar a atual crise ecológica e civilizacional, inspirando um novo acordo entre os seres humanos e uma nova relação desses com a natureza. Propõe uma ecopedagogia do cuidado como um caminho para resgatar a razão sensível do cordial, incorporando princípios básicos da ecologia, apreciando e conhecendo a

comunidade da vida (Boff, 2012). Para o autor, o cuidado possui uma dimensão ontológica constituinte do ser humano, portanto, algo pertinente à sua existência (BOFF, 2000). Por esse entendimento, “a natureza não é muda. Ela fala. Evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força” estabelecendo-se, assim, uma relação de coexistência, de convivência, interação e comunhão, não de dominação e pura intervenção (BOFF, 2005, p. 85). O cuidado das coisas “implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, entrar em sintonia” (BOFF, 2005, p. 85). Neste momento, não é a razão analítica-instrumental que é chamada a funcionar, mas a razão cordial, o espírito de delicadeza, o sentimento profundo.

TRISTÃO (2005) destaca que a “Educação Ambiental pode resgatar as sensações valorativas para que as subjetividades individual e coletiva criem um sentimento de pertencimento à natureza, de um contado íntimo com a natureza para perceber a vida em movimento” (TRISTÃO, 2005, p. 261). A autora destaca que tais sensações foram abafadas pela racionalidade cognitivo-instrumental do paradigma dominante.

4. SABERES TRADICIONAIS DO CERRADO

O Cerrado é berço das águas, fonte da vida, das sementes que germinam e se transformam em raízes que nutrem toda a sociobiodiversidade cultural dos modos de vida das comunidades tradicionais que, em sua trajetória, perpetuam seus saberes, garantindo a sobrevivência ambiental e cultural das suas comunidades.

Considerado um bioma de transição, o Cerrado possui unidade faunística e florística de grande relevância, representada por um grupo típico de animais e plantas, especialmente de plantas medicinais, que germinam e se reproduzem no ritmo de seus ciclos naturais, que imprimem temporalidades bastante marcadas por longos períodos chuva e seca. Nas chuvas, quando abastecem todas as águas e, nos períodos de seca, quando o ciclo natural do fogo quebra a dormência das sementes para germinar e perpetuar a vida nos territórios do Cerrado e nos demais biomas brasileiros. A singularidade dos ciclos naturais do Cerrado se reflete na beleza das suas paisagens, nas cores, nos aromas, nos sabores e nos saberes e fazeres dos povos das comunidades tradicionais, modos de vida tecidos por vínculos afetivos entre as pessoas, os territórios, a natureza, o sagrado, os seres vivos e os não vivos que habitam esse Bioma.

Nos territórios das comunidades tradicionais do Cerrado, plantar, colher flores e frutos, plantas e raízes para preparar alimentos e medicamentos, cuidar, nutrir e educar revelam elos entre passado, presente e futuro que, por raízes afetivas, nutrem os saberes e fazeres tradicionais e os modos de vida. Esses povos “são herdeiros de saberes ancestrais e tradicionais que perpetuam saberes acerca do manejo das matas e paisagens, que fazem deste bioma um dos mais biodiversos do mundo, chegando a abrigar cerca de 5% da biodiversidade do planeta” (AGUIAR *et al.*, 2020, p. 7).

O Cerrado é diverso em toda a sua sociobiodiversidade cultural e singular na experiência pessoal daqueles que vivenciam elos afetivos com esse bioma. As relações afetivas criam elos entre pessoas, territórios, lugares que se traduzem em sentimentos, que Tuan (1980, p. 5) expressou ao criar a palavra topofilia “o elo afetivo

entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. [...] Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. Para o autor, o termo topofilia, além da dimensão afetiva, remete ao sentimento de pertencimento a um lugar, incluindo não apenas a percepção, mas as atitudes e os valores que influenciam a própria percepção sobre o meio ambiente (TUAN, 1980).

5. MULHERES RAIZEIRAS DO CERRADO

As mulheres raizeiras do Cerrado singularizam o domínio de seus saberes e fazeres tradicionais na especialização dos usos das plantas medicinais do Cerrado (raízes, folhas, flores, frutos, casca, semente, caule, resinas para cada remédio necessário à cura e ao tratamento de diferentes enfermidades. A tradição revela que modo de preparar as medicinas da tradição, parte da escolha do lugar para coleta, pois a força da planta depende entre outros fatores, da relação que mantém com plantas vizinhas que se comunicam e intercambiam nutrientes de força e proteção. E ainda depende da hora apropriada para a coleta, ciclos das águas e da vida que habita seus territórios.

Aqui serão abordados os saberes tradicionais protagonizados por mulheres que habitam seus corpos-território, seja no conhecimento das plantas medicinais do Cerrado e no sentido do sagrado das suas práticas de cura e cuidado com a vida. Assim, elas transmitem, pela vivência, seus saberes e fazeres às novas gerações em uma pedagogia própria, em constante movimento com os ciclos da vida. Miranda (2020), ao abordar o conceito de corpo-território como potencializador do ciclo formativo da vida, faz referência ao mito africano de Oxumaré, que possui um corpo-serpente e troca de pele no ciclo da vida. A troca da pele evidencia a ressignificação do

olhar dos seus ofícios, imprimindo marcadores sociais em sua constituição. Nesse sentido, a trajetória formativa das mulheres raizeiras do Cerrado compreende: “um mosaico de dimensões epistemológicas com reverberações identitárias que oportunize o corpo-território - ter um trato sistematizado com as questões da diversidade e diferença” (MIRANDA, 2020, p. 148).

Lucely e Josefa, nascidas em distintos territórios do Cerrado, desde a infância, desenvolveram um amplo e profundo conhecimento especializado nas plantas do Cerrado, no ciclo das suas águas, na interlocução com o sagrado, com a intenção de promover curas e cuidado nos tratamentos do mundo físico e psíquico. Elas partilham seus saberes em um universo simbólico no meio em que se encontram e nas subjetividades que carregam consigo, em seus corpos-territórios que não seguem uma lógica hegemônica racional, separando os seres humanos da natureza e da sacralidade dos seus territórios do Cerrado.

Em oposição à lógica ocidental com o paradigma da modernidade, colonialidade que resume a vida em categorias estanques, em uma lógica hegemônica binária de conceber o mundo, Arturo Escobar (2016) denominou a essa oposição como uma “ontologia dualista” que separa o humano e o não humano, a natureza e a cultura, o indivíduo e a comunidade, “nós” e “eles”, o corpo e a mente, o secular e o sagrado, a razão e a emoção etc. Por essa compreensão, destaca-se a importância do entendimento das relações construídas entre as mulheres raizeiras com tudo que habita o bioma Cerrado, especialmente, com as plantas que vivem nos territórios das suas comunidades e que constituem o que Escobar (2016) denomina como ontologia relacional.

Os corpos-territórios das mulheres raizeiras do Cerrado trazem a natureza e os ritmos dos territórios que habitam. Em suas travessias, seus corpos-territórios carregam suas pedagogias e criam um invólucro psíquico subjetivo para a construção e compartilhamento de seus saberes, em íntima ligação com o território e seus corpos.

[...] propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento, que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias (MIRANDA, 2014, p. 69-70 *apud* MIRANDA, 2020, p.24).

O corpo é uma atualidade porque ele não é apenas físico, ele também abarca as questões do campo da fisiologia, do mental, do simbólico e da interlocução com o sagrado. É no corpo que se dão as sensações, as pressões, os julgamentos e as estratégias de insurgências. Seus corpos-territórios são marcados pelos registros históricos de grupos de povos originários enraizados na sua ancestralidade. Assim, incorpora-se o sentido mítico-ancestral ao conceito de lugar, de onde se enuncia a fala pelo sentimento de pertencimento, identidade e representatividade territorial que, em sua forma de ser, e de saber, e de habitar e de compartilhar saberes tradicionais, resistem aos efeitos da modernidade.

As travessias das mulheres raizeiras por diversos locais onde partilham seus saberes (nos centros de saúde, pesquisas acadêmicas, e em espaços educacionais escolares e não escolares) apontam para a estratégia de re(existência) via de ressurgência da corporeidade, que implicam devolver o controle das instâncias básicas da sua existência social: trabalho, sexo, subjetividade e alteridade; e, a partir da sua estratégia, estabelecem-se estratégias

de insurgências. Segundo Walsh (2017), práticas insurgentes respondem ao propósito de intervir e de transgredir o social, o cultural, a política e, principalmente, a construção dos saberes. HAESBAERT (2021, p. 102) utiliza a categoria corpo-território como um “corpo-política do conhecimento” ou esse “conhecimento incorporado” vivido em um território.

As raizeiras do Cerrado levam consigo uma pedagogia corpo-territorial que partilham nos encontros e fortalecem as redes de saberes tradicionais. Da troca de saberes destes encontros e em seus atendimentos reconhecem suas próprias epistemologias (SANTOS, 2010), decolonizam a esfera do conhecimento e contribuem para a ruptura de um paradigma educacional fragmentado da disciplinariedade e da visão binária de mundo. Por esse entendimento, suas pedagogias possibilitam a auto-organização, incentivam o auto agenciamento e o reconhecimento dos saberes das raizeiras do Cerrado, que teve como primeira manifestação a publicação do Protocolo comunitário biocultural das raizeiras do Cerrado: direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional da Articulação Pacari (2014).

6. NARRATIVAS DAS MULHERES RAIZEIRAS DO CERRADO, SABERES E ANCESTRALIDADE.

Lucely iniciou seu percurso formativo a partir dos 5 anos de idade pela mão de sua avó, Maria Bárbara de Moraes, nas caminhadas pelo Cerrado. Dona Bárbara, avó, raizeira e benzedeira foi a sua grande mestra. A avó viveu até os 103 anos, deixando como legado cultural a sabedoria tradicional de plantas do Cerrado que curam. Lucely é, nos dias de hoje, raizeira mestra e guardiã desses

saberes tradicionais, ensinando e lutando pela preservação dos conhecimentos medicinais do seu povo em Goiás, na Comunidade Quilombola do Cedro.

Então, assim, o que eu falo dela é porque [...] ela foi minha mestra, [...] que me ensinou sabe, assim, a parte das ervas, mas essa parte de benzer ela falava que ela não ia ensinar muito (...)ela morreu com 103 E aí assim, foi muito interessante essa convivência minha com ela dentro da mata(..) tudo que eu aprendi dentro da mata, de conhecimento, tudo foi com ela (Entrevista Lucely Pio, 2022).

Lucely nasceu na comunidade do Cedro, fundada em 1880 por seu tataravô, Sr. Francisco Antônio de Moraes, apelidado de Chico Moleque, ex-escravizado que, da força do seu trabalho e das horas de descanso, comprou sua própria alforria, da esposa Rufina e dos filhos e ainda adquiriu parte da Fazenda Flores, lugar onde ele e sua família instalaram-se na curva do rio Verde, no atual município de Mineiros (GO). Ali, fundaram o Quilombo do Cedro acolhendo outros ex-escravizados que adentraram os caminhos do Sertão de Goiás em busca da liberdade e, assim, formaram a conhecida comunidade quilombola do Cedro.

Lucely aprendeu o poder de cura das plantas medicinais na convivência com a avó dentro da mata. Assim, desde os primeiros ensinamentos da avó, nunca esqueceu de suas palavras: “As plantas se revelam para nós”. Essas palavras marcaram a forma de se relacionar com as plantas do Cerrado e despertaram o desejo de seguir aprendendo com os ensinamentos da natureza nesse eterno revelar das plantas do Cerrado. Ela sempre conviveu em meio às plantas, fontes dos saberes e fazeres do Cerrado presentes na alimentação e na cura. Foi conhecendo as propriedades terapêuticas de cada planta no convívio e na relação intersubjetiva.

Nos dias de hoje, nas inúmeras travessias que seu corpo território faz dentro e fora dos caminhos do Cerrado, Lucely se apresenta como raizeira, referenciando a sua raiz ancestral, o território da sua comunidade como lugar gerador dos saberes tradicionais, especialmente, os saberes das plantas medicinais do Cerrado.

Na comunidade do Cedro, até 1997, mulheres e crianças se reuniam mensalmente embaixo de grandes mangueiras da comunidade para fazer os remédios. Cada participante contribuía com uma planta. No final do dia, os medicamentos eram compartilhados na comunidade. Os remédios eram elaborados nas cozinhas abertas para os quintais das casas das famílias do quilombo. A cozinha da casa, que pertenceu à sua avó por longa data, perpetuou o lugar dos encontros, da troca, das conversas, dos aconselhamentos, da experiência dos sabores dos alimentos, da manipulação das plantas, da feitura dos remédios, e da construção de saberes e sabores que alimentam os vínculos afetivos comunitários com o bioma Cerrado que compõem a pedagogia da mestra Lucely Pio.

A partir do conhecimento tradicional, em 1997, as raizeiras do quilombo iniciaram a produção de remédios fitoterápicos no Centro de Plantas Medicinais do Cedros, que possui um acervo de 450 plantas nativas e catalogadas. A transmissão desse conhecimento medicinal ancestral por gerações já permitiu à comunidade a produção de 90 medicamentos em forma de xaropes, pomadas, óleos e garrafadas. Esses medicamentos são utilizados pelos moradores da comunidade, da região e em outras cidades do Brasil.

Na comunidade do Cedro, todos possuem seus quintais e hortas com ervas e árvores da região, tais como: douradinha, barbatimão e

velame-branco, sangra d'água. A construção desses saberes e fazeres com as plantas medicinais do Cerrado levaram centenas de anos e foram repassados por meio de uma pedagogia da comunidade do quilombo do Cedro, o que a tornou uma referência nacional na utilização das plantas medicinais do Cerrado. Na fala da mestra Lucely: “Nós trabalhamos com as mesmas espécies de plantas utilizadas por Chico Moleque. É um saber que passa de geração em geração” (Entrevista Lucely Pio, 2022).

Ao longo sua trajetória se tornou mestra de saber tradicional e uma grande liderança em defesa do bioma do Cerrado. Atualmente, faz parte da Articulação Pacari, uma rede socioambiental que agrega grupos comunitários da medicina tradicional do Cerrado. O grupo é responsável pela publicação da Farmacopeia Popular do Cerrado, uma enciclopédia com mais de 300 páginas que descreve as plantas medicinais do bioma, o seu uso e formas de manejo sustentável. Trata-se de um dos poucos registros escritos sobre plantas medicinais nativas no Brasil. A pesquisa popular contou com os saberes tradicionais de Lucely e mais de 250 raizeiras (os) dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Maranhão.

Lucely Pio ministra oficinas em diversos espaços escolares e não escolares. Em ambos, apresenta o elo afetivo com o Cerrado, buscando despertar o desejo dos participantes em trilhar os caminhos dos saberes tradicionais do Cerrado em um continuum desvelar. Em defesa da preservação do Cerrado e da estreita ligação de comunidades tradicionais com as plantas medicinais do cerrado, Lucely afirma: “Onde tem Cerrado e mata é onde vivem os indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais”. Essa atmosfera instigante compõe a sua pedagogia.

Na semana passada eu fui pra uma região que é uma região muito bonita lá de Mineiros. {...}, lá tem {...}, Morro do Chapéu, [...] Morro do Navio. Levei uns amigos meus lá [...] nós subimos o morro e estava lá comendo mangaba, [...]. é uma região que tem muita mangaba, e aí, [...] eu falando pra eles assim: “gente olha o tanto que Deus é bom”, e a gente andando, e daqui a pouco que apareceu uma cabecinha de perdiz, que é uma planta pititinha assim, aí apareceu um carapiá. E aí eles falou assim pra mim “Mas como que você enxerga isso aqui, nesse monte de capim aqui, e você acha essa plantinha aqui?”; e eu falei: “mas ela está mostrando que ela está aqui pra vocês não pisarem nela(...) Carapiá é uma planta medicinal utilizada para sinusite e a cabeça de perdiz serve para limpeza do útero” (Entrevista Lucely Pio, 2022).

Em suas oficinas, aborda outros modos de perceber a paisagem do Cerrado e fala sobre o poder medicinal das plantas do Cerrado ligados aos vínculos afetivos que as plantas estabelecem entre si, no intuito de proteção e fortalecimento das propriedades medicinais, entre elas nos diferentes ecossistemas que habitam. Esse movimento abre caminhos de percepção para a natureza que nos habita e habita o cerrado para estabelecer uma relação com a natureza interna e externa e perceber a energia das plantas.

A leitura da paisagem pelo viés da observação que Lucely faz das plantas anuncia outras ontologias e epistemes, outras formas de interpretarmos a paisagem e o agrupamento das espécies nos distintos ecossistemas do cerrado. Pela observação das plantas e seus agrupamentos, Lucely busca despertar outras formas de se relacionar entre humanos e não humanos e a natureza do cerrado. Nessa epistemologia, as plantas possuem sentimentos análogos aos sentimentos humanos, pois estabelecem, entre si, vínculos afetivos de familiaridade, coletividade, solidariedade que pelas trocas energéticas reforçam as propriedades medicinais entre elas, e com os humanos.

E, assim, eu não sei se vocês já observaram, quando vocês estão andando assim no Cerrado, às vezes tem um pé de jatobá, você vê que em volta dele tem muitas outras árvores em volta, né, daquele pé de Jatobá. Então, é a proteção. Sempre... a gente fala assim, ah se tem igual tem esse pé de ipê aqui [...] a gente nunca deve tirar uma casca daí pra gente fazer um remédio, por quê? Porque ela não[...] está isolada né? E a árvore, pra ela ter um princípio ativo bem forte, ela tem que estar com as suas companheiras, então a gente chama de planta companheira, que é a toda aquela diversidade que está em volta dela, então, aquilo ali é a base pra ela se fortalecer a energia dela né? É igual a nós, [...] nós não temos nossa família? As plantas também têm a família delas que convive ali em volta delas, né? Que são a família delas, então, isso é uma coisa, assim, que a gente tem que começar a prestar atenção, até mesmo que você plantar, se quer transportar uma muda de um algum lugar pro outro, você observar se tem alguma espécie daquelas que é perto dela pra você poder plantar ali (Entrevista Lucely Pio, 2022).

Por essa perspectiva, é possível compreender que somos interdependentes e ecodependentes, que somos natureza e não estamos à parte dela, muito menos somos hierarquicamente superiores. É a estética deste entendimento que nos inspira a desenvolver diálogos com as nossas plantas amigas e companheiras.

7. SABERES E SABORES DOS ENCONTROS NO QUINTAL AFETIVO DE DONA JOSEFA

Dona Josefa é raizeira e herdeira dos saberes tradicionais das plantas medicinais e da agricultura tradicional ligados aos ciclos do Cerrado, possui a sabedoria do tempo para plantar e para colher em sintonia com os ciclos naturais do bioma, o cosmo e o sagrado. Esses são saberes ancestrais que ela compartilha em sua chácara, onde vive de forma orgânica e solidária, denominado Espaço Terapêutico

Chá da Terra, localizado na região administrativa de São Sebastião, no bairro Morro da Cruz, Distrito Federal.

Dona Josefa nasceu e cresceu no meio rural e pelas travessias da vida teve que migrar para o espaço urbano. Após longo período de itinerâncias e travessias, concretizou o sonho de retornar à vida rural e adquiriu uma chácara, lugar onde intercambia e atualiza seus saberes da tradição no cotidiano do seu quintal afetivo.

O quintal de Dona Josefa é uma farmácia viva e possui espécies nativas do Cerrado associadas a mais de uma centena e meia de espécies de plantas medicinais cultivadas por ela e pelo marido e trazidas de várias localidades por onde ela passou. Para toda espécie, existem vários saberes associados, tecidos em sua trajetória de vida. Cada planta guarda uma história, uma procedência, um lugar de onde veio, a forma como foi adquirida, ou uma troca ou um presente, como se adaptou ao seu quintal, quais as plantas vizinhas que as protegem das pragas, horários de coleta e a medicina que habita cada uma. Do seu quintal afetivo, saem os chás das folhas, das flores, das ervas e das raízes servidos em doses amorosas ritmadas, em sua cozinha aberta, à beira do fogão a lenha sempre aceso, para a feitura dos chás colhidos da terra, lugar onde cria um ambiente singular inspirador para confidências e encantamentos. Nessa atmosfera, florescem os diálogos dos seus atendimentos entre ela, as pessoas, a natureza do Cerrado e o sagrado de forma espontânea e afetiva.

O ritual do chá traz um conteúdo simbólico, um “convite” para nos religarmos à nossa natureza interna e externa, que nos circunda e nos vincula ao universo das plantas medicinais do Cerrado. A elaboração e a degustação do chá são acompanhadas de afetuosas explicações acerca das ervas, plantas, raízes, propriedade

medicinais, modo de preparo, para se obter distintos aromas, sabores, e a beleza das cores de cada planta, folhas, flores raízes que emergem nos coloridos dos chás, compondo uma aquarela particular dos seus saberes e fazeres tradicionais. Em meio às cores e sabores dos chás, os diálogos são entrelaçados a uma marcação alquímica onde a percepção de todos os elementos presentes estabelecem ritmos e criam uma temporalidade que passa a envolver e habitar os corpos territoriais de quem participa desta experiência.

O corpo-território, a partir da perspectiva de Miranda (2020), nos permite refletir sobre esses saberes encarnados, experiência do lugar e do espaço que se faz através do corpo. O corpo-território é constituído das experiências que nos passam, o que nos acontece, o que nos toca. Nesse sentido, a construção do conhecimento precisa ser sentida, feita de corpo todo. O autor enfatiza que não cabe mais “porquê fazer” e sim o “como fazer”: “aprender que o método, o caminho, a feitura protagonizada pelo seu próprio corpo-território é que provoca a compreensão das coisas, das ações, da vida, das experiências” (MIRANDA, 2020, p. 139).

Com efeito, o que é compartilhado no âmbito das conversas ao longo do ritual do chá ou cerimônia do chá de Dona Josefa transcende a dimensão material das propriedades medicinais das plantas do Cerrado, envolve também trocas simbólicas de valores, práticas e saberes da tradição, o que remete ao caráter pedagógico dessas experiências. Aí se observam marcações identitárias de Dona Josefa como mulher raizeira do Cerrado, educadora popular da saúde e conhecedora dos saberes e fazeres da tradição do Cerrado que, ao compartilhar seus saberes e fazeres, oferece resistência aos modelos convencionais de cuidar, alimentar e educar e que, de maneira criativa, desenvolve uma pedagogia própria de forma a

estimular as pessoas que a procuram, a reconexão com a natureza e valorização dos saberes tradicionais das comunidades que habitam o Cerrado. “Internalização do conhecimento depende da sensibilidade do corpo, da estética dos fazeres e da resignificação dos gestos cotidianos” (CATALÃO, 2011 p. 78).

Dona Josefa traz esses saberes inscritos no seu corpo. Ela reconhece que na vinda para a cidade, essa inscrição ficou encoberta, mas nunca esquecida. A memória guarda o pertencimento ao território.

[...] isso era tudo muito presente na vida da gente e por mais que eu me distanciei disso por um período da minha vida, das lembranças eu nunca me distanciei e eu tenho certeza do que quando eu faço esse reencontro de novo... [...] e começo a perceber que essa pessoa não fugiu de ser essa mulher da terra, das raízes, essa mulher da roça, essa mulher do benzo, é justamente porque essas memórias eram muito fortes dentro de mim... (Entrevista Josefa, 2022).

Ao analisarmos as diversas formas de sua atuação, seja em atendimentos, oficinas, ou nas rodas de conversas entre mulheres para autocuidado e nas vivências sobre fitoterápicos, estabelece-se uma comunidade de aprendizagem, isto é, uma experiência compartilhada na qual se ensina-aprende a diversidade de alternativas locais de produção e circulação de cuidado com a vida, e do cultivo da saúde por meio dos alimentos e do uso de plantas medicinais. As relações solidárias entre a produtora da terra e as pessoas que procuram suas práticas e saberes de cura com plantas medicinais do Cerrado em busca do restabelecimento da saúde convergem para relações de reciprocidades entre cultura e natureza. Seguindo essa linha argumentativa e visando expandir o horizonte compreensivo acerca do caráter educativo dos atendimentos de Dona Josefa, essas trocas materiais e simbólicas que ali acontecem

constituem uma ecopedagogia de cura e cuidado para perpetuação dos saberes tradicionais que compõem o ofício das raizeiras do Cerrado. Nesse sentido, promove-se a transformação e duração das experiências de aprendizagem confirmando que a internalização do conhecimento depende da sensibilidade do corpo, da estética dos fazeres e da resignificação dos gestos cotidianos.

Então, tudo que acontecia na vida da gente era tratado com as plantas medicinais e com benzimento junto, não era uma coisa separada da outra, era tudo muito junto. Então cada coisa que eu percebia eu não conseguia me ver de outro jeito, isso é... era uma presença que me trazia assim... “essa pessoa não sou eu, esse lugar não é meu”. Porque a minha identidade era dessa mulher que viveu no meio do mato, que respeita o mato, que respeita os animais, que respeita a floresta, que respeita o lugar que vive (Entrevista Josefa, 2022).

Dona Josefa, ao se apresentar em oficinas e vivências e em rodas de benzimento, destaca a importância de ter preservado o nome de seus ancestrais.

[...] eu sou Josefa Francisco Gomes. Depois de casada virei Ataíde, mas também não perdi o nome dos meus ancestrais, porque isso pra mim é muito importante, eu ter esse nome de batismo, esse nome de nascimento que é Josefa Francisco Gomes. Então aí eu recebi o nome de Josefa em homenagem a minha madrinha Zefa, que é minha mãe de pegação, {...} que é minha madrinha de batizado e que era a parteira e benzedeira daquela região (Entrevista Josefa, 2022).

A trajetória histórica dos seus familiares se mescla à própria história da ocupação e da formação dos territórios das comunidades tradicionais do Cerrado. O processo de interiorização e ocupação resultante da migração populacional brasileira guarda singularidades que compõem a construção da memória dos processos identitários dessas comunidades trazem marcas sensoriais, que transcendem e ressignificam os percursos materiais e imateriais, nos quais a

memória afetiva se mescla ao território, revelando as múltiplas facetas dos caminhos no Cerrado.

[...] eu nasci no Tocantins. Quando eu nasci era no Estado de Goiás que depois, mais tarde, foi dividido e hoje é Tocantins. Nasci numa comunidade que, na época, era muito isolada, na cidade de Palmeirópolis, e que na época não tinha estrada. Minha família foi pra esse lugar fugindo um pouco de um acontecido, que era a situação dos revoltosos, da história do Zé Porfírio, de Formoso e Trombas, [...]e chegarem a Palmeirópolis. [...], como escondido dessa revolução, dessa época se criou essa grande comunidade de pequenos agricultores. Então era um lugar aonde eu nasci que a gente praticava agricultura e medicina da maneira mais natural possível. [...] Com o decorrer dos anos essa comunidade se aglomerou um pouco[...] e começou uma vila, que era Vila das Palmeiras, por causa de muito coco babaçu. [...] mais tarde foi reconhecido como município que hoje é Palmeirópolis (Entrevista Josefa, 2022).

Sua memória afetiva cria um invólucro subjetivo, que nos permite transitar no tempo até encontrarmos o território da sua comunidade e percebermos os elos afetivos da mulher raizeira do Cerrado com o seu corpo-território. Dona Josefa revela um tempo marcado por experiências que habitam sua memória afetiva e revelam o vínculo com o território de sua comunidade. Essas experiências afetivas produzem o sentimento do território da comunidade, do lugar como referência identitária.

Por alguns anos era assim, era muito contato com a natureza. Era esse local. A gente não via cidade, eu vim ver a cidade já na minha adolescência. Primeiro aglomerado de casas que eu vi era na adolescência. [...] Então, as casas eram um pouco perto, ali entre um e dois quilômetros, mas onde cada um tinha sua roça e uma natureza exuberante, muitos rios de água limpa. Então, essa sensação de que a gente era livre e acessava tanto banhos de rio, como ir pro rio pra pescar um peixe pra se alimentar, como sair no mato pra colher frutas pra se alimentar e ver exuberância, isso ainda é muito forte na minha vida até hoje (Entrevista Josefa, 2022).

Dona Josefa, ao perceber o Cerrado, vive o sentimento topofílico do Tuan. Para o autor, as experiências vividas em alguns ambientes e lugares nos remetem a pensamentos que se entrelaçam a emoções, sentimentos, desejos e afetos, gerando uma dinâmica processual que expressa-se na complexidade humana, confirmando que “[...] a experiência é construída de sentimento e pensamento”, conforme afirma Tuan (1980, p. 18).

Então, acho que a maior coisa que eu sinto quando eu percebo a natureza, o Cerrado, além da beleza, eu sou invadida por uma espécie de nostalgia de lindeza, sou apaixonada pelas árvores, pela florada na época que fica mais seco. Então sou encantada com essa beleza, mas eu tenho um misto de liberdade.[...] se em algum momento eu me sinto presa a alguma coisa ou confusa com uma questão... estar em contato com a natureza me traz essa liberdade, uma consciência de que sou livre, que a resposta tá na minha mão, e que a responsabilidade é minha e que o mover dessa árvore me dá essa força de consciência que eu posso fazer, que eu tenho livre-arbítrio pra fazer a ação que eu precise dela ou não (Entrevista Josefa, 2022).

Dona Josefa vive, o que Saturnino denominou sentirpensar. A compreensão do “sentirpensar como fluxo de energia que flui e promove a interação entre mente, corpo e ação, sublinhando o papel do meio e dos meios na construção do conhecimento e no desenvolvimento pessoal” (MORAES; TORRE, 2004, p. 2). O termo sentirpensar diz do:

(...) processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento [...], é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar (MORAES; TORRE, 2004, p. 3).

Os autores concebem a realidade como uma complexidade na qual os planos biológicos, psicológico, sociocultural são parte integrante dessa realidade complexa. Por um viés holístico, eles entendem que, na vida cotidiana, o ser humano atua como um todo

no qual o pensamento e o sentimento encontram-se em holomovimento, em uma integração na qual não se distingue qual prevalece sobre o outro.

A história de vida de Dona Josefa e a sua relação com a natureza do Cerrado se expressa pelo amor ao território, ao lugar, à casa natal. Para ela, as experiências e as sensações vividas no passado são revividas no presente. O aroma do alecrim do Cerrado, em particular, habita suas lembranças afetivas, a transportam para um tempo vivido repleto de sensações e afetividade das experiências vividas no lugar. As lembranças se misturam a outros sentimentos e remetem à sensação de estar vivendo o tempo passado, no invólucro do lar, da casa junto aos saberes e sabores dos fazeres tradicionais da sua mãe, reforçando os elos afetivos com a sua ancestralidade e com o lugar.

Para Tuan (1980, p. 14), “a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo”. O autor complementa “que o órgão do sentido seja mais exercitado varia de indivíduo e da sua cultura” (TUAN, 1980, p. 13). Complementa ainda, que, no mundo moderno, temos a tendência de utilizarmos mais a visão, que faz perceber os espaços de forma limitada e estática em um quadro ou uma matriz para os objetos. Já a percepção por outros sentidos como o olfato pode trazer nos cheiros dos ventos a complexidade do movimento da natureza sem limites. Os cheiros têm “o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas” (TUAN, 1980, p. 14). Como o cheiro do alecrim para Dona Josefa “pode trazer à memória todo um complexo de sensações a imagem e sabores do Cerrado”. Ela desenvolveu essa habilidade olfativa ao longo da constituição do seu saber fazer como raizeira do Cerrado e

a classificação do mundo das plantas medicinais em categorias odoríferas faz parte do seu cotidiano.

[...] lembrar de tudo isso me traz um cheiro incrível. [...] recentemente eu fui numa vivência de destilação de alecrim do campo, que é a vassourinha, e aí a menina começou falar e falou “cada um relata qual é a sua experiência com a vassourinha de alecrim do Cerrado. [...] E aí, eu estava esperando chegar a minha vez e eu fui internalizando aquilo e eu comecei lembrar quando tinha aquele fornão de chão e minha mãe fazia aquele braseiro. e fazia broa de fubá e depois, quando tirava as lenhas, ela varria o forno com o alecrim do campo. (...) E aí eu fui pensando isso e eu fui me sentindo lá[...] comecei a enxergar minha mãe assando essa broa de fubá e esse cheiro foi me invadindo e a boca foi salivando [...] Foi incrível. [...], no pé do forno vendo minha mãe fazendo broa de fubá e sentindo o cheiro do alecrim já no forno quente porque, quando varre com aquela vassoura, esse perfume passa um pouco pra broa de fubá que são as melhores broas de fubá das minhas lembranças afetivas de infância (Entrevista Josefa, 2022).

Dona Josefa estabeleceu uma ligação afetiva com a matinha que circunda sua casa, a cozinha e o quintal, a proximidade destes espaços e o hibridismo que compõe seus usos sem limites fixos, possibilitando uma permeabilidade e a integração entre eles, nos leva a perceber a vida integrada à natureza.

Aqui nessa matinha perto de casa tem que é pequenininha, mas tem... é bem... fartura de frutos do Cerrado, eu saio caminhando aqui, então, cada frutinha, desde a cagaita, do bacupari, da goiabinha, do cajuzinho do campo é uma lembrança afetiva e uma sensação de paz, de prazer, de realização saber que ainda hoje eu consigo acessar, não da mesma forma que antes (Entrevista Josefa, 2022).

8. REFLEXÕES SOBRE SABERES TRADICIONAIS E ECOPELAGOGIA

Nos espaços que atuam, as raizeiras transmitem seus saberes estabelecendo estratégias ecopedagógicas para mobilizar pessoas em uma relação de pertencimento, ancorada em valores existenciais mais profundos. Nesse sentido, os contextos locais constituem uma comunidade de aprendizagem que suscita outros modos de conviver. Esses espaços comunitários “fomentam sensibilidades ecológicas que podem transformar a forma como habitamos o mundo e como nos relacionamos com nossas alteridades humanas e não humanas” (SILVA; DORNELES, 2022, p. 400).

As narrativas de Lucely Pio e Dona Josefa mostram como os aprendizados dos seus saberes ofícios aconteceram fora do modelo de ensino escolar; em espaços onde sua prática acontece e, ainda, pela memória individual e coletiva, tecidas pela ancestralidade nos vínculos afetivos com os territórios que habitam. Ao circular conhecimento entre gerações, desenvolvem processos educacionais que lhes conferem autonomia na transmissão e na formação identitária, ética, cultural e ambiental, imbricada aos territórios do Cerrado aos quais habitam de forma solidária, cooperativa, criativa e afetiva. O modo de vida integrado à natureza constitui saberes educativos, ecológicos e ambientais de resistência por meio de vivências que se dão na relação comunitária. A constante partilha dos seus saberes se constituem como práticas ecopedagógicas de cuidado, que ressignificam a vida cotidiana.

O cotidiano das raizeiras Dona Josefa e da Mestre Lucely Pio produzem um ecossistema educativo, lugar de produção dinâmica do ensinar e aprender, onde ocorrem encontros e trocas que potencializam laços afetivos com seus territórios, construídos por meio da convivência com os seus saberes culturais e ambientais de cura. Nesses espaços, a troca de experiências de vida dos

integrantes permite estabelecer vínculos de inclusão e pertencimento entre membros do grupo e o bioma. Podemos afirmar que as memórias afetivas dessas duas raizeiras do Cerrado ecoam positivamente, mantendo e reproduzindo modos de vida numa saudável relação com o ambiente, importante elemento para a preservação da biosociocultural do Cerrado.

A atual crise ecológica que coloca em risco a sobrevivência humana e da biodiversidade planetária nos faz reconhecer a importância dos saberes da tradição para a regeneração dos ciclos da natureza e para a restauração da qualidade de vida socioambiental. Cabe refletir sobre a importância de construirmos espaços de escuta a partir dos saberes ambientais das mulheres raizeiras para repensarmos a Educação Ambiental como uma via alternativa transformadora de ser e estar no mundo

Revisitar suas memórias culturais possibilita o entendimento dessas narrativas como caminho alternativo para uma construção de um conhecimento transdisciplinar, intercultural articulado por uma ecologia de saberes proposta por Santos (2010). Esses saberes das comunidades tradicionais carregam outras epistemes que podem contribuir para a sustentabilidade da vida em uma educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora. O caráter ecopedagógico dos seus atendimentos e as vivências favorecem a tomada de consciência para a religação com a vida e a cultura que habitam seus corpos e territórios do Cerrado.

Frente ao universo de crises e incerteza que atravessamos e que resulta na vulnerabilidade dos processos de viver, conviver e conhecer, a ecopedagogia das raizeiras do Cerrado aponta uma saída para o futuro pelo reconhecimento e pela aprendizagem de valores ancestrais atualizados nos seus ofícios no tempo presente.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R. J. **Cultura popular e contemporaneidade**. São Paulo: Patrimônio e Memória – UNESP, 2015.
- ABIB, Pedro R. J. Culturas populares e a luta decolonial. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 15., 2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2019.
- AGUIAR, Diana et al. A força das mulheres do Cerrado: raizeiras e quebradeiras. In: SANTOS, Diana Aguiar Orrico Santos; LOPES, Helena Rodrigues (org.). **Saberes dos povos do Cerrado e biodiversidade**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2020.
- BOFF, Leonardo. **Cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000
- BOFF, Leonardo.. **O cuidado essencial**: princípio de um novo ethos. Inclusão Social. Revista IBCTI ,2005
<https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>
- BRANDÃO, Carlos. R. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 9–30, 2007. DOI: 10.5216/ia.v26i1.1552. 2023.
- CASCUDO, Câmara. **Seleta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- CATALÃO, Vera Margarida Lessa. Redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade. **Revista Terceiro Incluído**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 74-81, 2011.
- DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. (coords.). **Farmacopeia popular do Cerrado**. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2010.
- ESCOBAR, Arturo. Territórios de diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. **Territórios**, ano 3, n. 6, 2016.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**: Eco pedagogia e educação sustentável. In: Torres, C.A. (Org.) Paulo Freire y la agenda de la educacion latinoamericana en el siglo XXI. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2021.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 3, 2009.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar sob o olhar autopoietico**: Estratégias para reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, E. de S.; LUCINI, M. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Revista Boletim Historiar**, Aracaju, v. 8, n. 1, jan/mar, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of worldsystems research**, v. 2, n. Spec., part I, p. 342-386, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SILVA, Daniela Barros Ponte; FLORENCIO, Saulo Pequeno Nogueira; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Educação na tradição oral de matriz africana**: a constituição humana pela transmissão oral de Saberes tradicionais um Estudo Histórico-Cultural. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, Reis da Ana Tereza, DORNELES Ana Braga: Pedagogias ecológicas e decoloniais em rede: o movimento CSA como comunidade de aprendizagem Universidade Federal do Paraná. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 59, p. 399-417, jan./jun. 2022.

SOUZA, Vanessa Rocha. **Mestres da cultura popular**: ancestralidade, oralidade e resistência. 2016. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicações e Artes do Centro de Estudos Latino Americanos

sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TRISTÃO Marta: **Tecendo os fios da educação ambiental**: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. Universidade Federal do Espírito Santo, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.

UNESCO. **Carta de Belgrado**: uma estrutura global para a educação ambiental. Brasília: Governo Federal, 1975.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Equador: Abya-Yala, 2017.